

EDITORIAL

Se no despertar dos estudos de gênero, no âmbito da crítica literária, a preocupação residia em desconstruir a representação feminina na literatura de autoria masculina, o escopo dessa área tem exponencialmente cambiado de rumo e voltado olhares para a literatura de autoria feminina. Destarte, constatamos o papel dos feminismos para essa virada de interesse visto a sua agenda política cultural em vir a conhecer produções de mulheres que foram rasuradas da história e que têm menor circulação, no mercado editorial e/ou no espaço literário e acadêmico. Visionando a possibilidade e o direito à transgressão e à contínua mudança, seria incoerente se os estudos em questão permanecessem pautados em um suposto centro. Acompanhando os debates sobre escritoras de hoje e de sempre, apresentamos o nº 27 Escritas de autoria feminina I: das literaturas estrangeiras. Iniciamos com o artigo “‘It had all begun like a dream’: a escrita como presença em *Second Class Citizen*: de Buchi Emecheta”, no qual Francisco Nunes investiga a escrita de Emecheta como emuladora do sentido de presença tomando como base as experiências da escritora em espaços divergentes no contexto de descolonização. O autor parte do pressuposto de que há uma escrita-presença corroborando para a superação de condições impostas ao sujeito feminino. Os próximos três artigos trabalham com escritoras moçambicanas. “As representações do corpo feminino na poesia moçambicana: dos grilhões à liberdade”, de Vanessa Rimbau Pinheiro, percorre poemas de Lica Sebastião, Sónia Sultuane, Melita Matsinhe, Rinkel e Deusa d’África. O artigo analisa as “novas dimensões do corpo feminino na poesia moçambicana”, apresentando corpos erotizados e liberados nas vozes das mulheres, em detrimento do imaginário de subjugação do corpo negro. Com isso, Ribeiro apresenta ressignificações desse corpo que permitem rupturas para além da literatura. A escritora moçambicana Paulina Chiziane e a sua obra *Niketche* figuram dois artigos. “O corpo angustiado em *Niketche*: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane”, de Fernanda da Silva e Maria Teresa da Silva, também tem o corpo feminino como foco e propõe uma leitura dele a partir dos seus deslocamentos espaciais, dos estereótipos culturalmente e socialmente impostos, e como o olhar da personagem principal reflete e responde a este imbricado. No artigo “*Niketche*: um romance sobre colonialidade e luta das mulheres”, Renato Kerly Silva estuda a relação entre a opressão das mulheres e o entroncamento de patriarcados através da narrativa do romance. Indo em contrapartida às intervenções do Estado, é demonstrado como redes de apoio contribuem para a implementação de projetos históricos outros. Em “‘Mornas eram as noites’ e ‘Mulheres sagradas’: uma travessia transatlântica entre Dina Salústio e Aidil Araújo Lima”, Rubens da Cunha e Waleska Martins observam, a partir da percepção de escrevivência de Conceição Evaristo, recorrências temáticas e semelhanças narrativas entre as obras da escritora caboverdiana Dina Salústio e da brasileira Aidil Araújo no que concerne violência, silenciamento e racismo estrutural, além do diálogo com vozes ancestrais. Para finalizar os artigos sobre obras de língua portuguesa, temos “Representações culturais do aborto em Portugal: Análise comparada”, de Raquel Pedro. A autora apresenta um estudo

substancioso sobre a condição da mulher em Portugal durante o Estado Novo e as representações do aborto, em particular, nas *Novas cartas portuguesas*, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho Costa, *Grades vivas*, de Celeste Andrade, em *Ela é apenas mulher*, de Maria Archer, e na série *Aborto*, de Paula Rego. Pondo a literatura em diálogo com a psicanálise, o trabalho “Em busca do gesto espontâneo: a subjetivação da mulher negra em *A Cor Púrpura*, de Alice Walker”, de Natália Almeida e Rodrigo Marques, propõe uma leitura da obra de Alice Walker a partir da teoria winnicottiana do amadurecimento, no que se refere à construção do verdadeiro *self* e do processo de subjetivação, ampliando para a relação de componentes femininos e masculinos na crítica social. Rosana Gomes, no artigo “Trauma and possible pathways to healing in *The bluest eye*: Pecola's story and Claudia's narration”, utiliza conceitos de trauma para analisar as agressões sofridas por Pecola em *The bluest eye*, propondo o papel de contribuição da cultura e do conhecimento afro-americano na narrativa da obra para os processos de cura. No artigo “Maya Angelou: biografia e crônica social em *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*”, Angela Fanini, Jucélia Amaral, Paulo Henrique Sandrini utilizam conceitos de exotopia e dialogismo, da filosofia da linguagem, para o entrelaçamento do discurso pessoal e social na biografia de Maya Angelou, ressaltando a resistência negra nos Estados Unidos. Ruan Nunes Silva, no artigo “I know it's not normal for people in this world to be happy, and I'm happy”: tensões e torções feministas e queer em *Rubyfruit Jungle* de Rita Mae Brown”, mostra como esse romance, mesmo tendo sido escrito nos anos 1970, já trazia questões que seriam abordadas e aprofundadas anos mais tarde com a teoria *queer*. O autor ainda mostra aproximações e afastamentos entre a obra em questão e feminismos, questões de gênero e de sexualidade. Na linha do desmonte do patriarcado, temos o artigo “A redoma de vidro, de Sylvia Plath: resistência feminina ao patriarcado reconfigurado”, de Vanessa Cezarin Bertacini, que estuda o conceito de subtexto de autoria feminina na obra de Plath em contraposição às configurações da ideologia patriarcal, como o modelo de mulher da Era Vitoriana na Inglaterra. A redoma de vidro surge à imagem de um patriarcado e a escrita de Plath resiste através do subtexto. Ana Gabriela Roiffe, no artigo “Dimensões da escuta na escrita feminista de *Esboço*, de Rachel Cusk”, discorre a mediação da voz e da escuta, analogamente à prática da escrita, na construção de “diferentes tipos de feminilidade” e na relação da maternidade e da sexualidade com a audição. Eliane Campello e Lisiane Danieli estudam as mudanças corporais, de representação e de tratamento do personagem Orlando, que são sinalizadas a partir da sua indumentária, no artigo “Orlando: a indumentária e as figurações de papéis sexuais”, que aduzem uma normatividade do gênero. Pensando na construção de identidade, Albetania de Sousa e Rejane Ferreira fazem esse estudo sob a perspectiva da narradora, no artigo “*Uma mulher escandalosa*”: situações que marcam a construção de identidade”. O trabalho mostra como essa obra intercambia experiências coletivas e individuais de mulheres que foram silenciadas. Tatianne Dantas, Lia Rosa, Karla Sousa, Helena Kessler e Ana Paula Thones, no artigo “Narrar é encadear tempos e espaços perdidos: violência de gênero e trauma em *Um amor incômodo* de Elena Ferrante”, propõem que a narrativa de Ferrante permite um rompimento com pontos cegos da cultura. Mostrando como o trauma, sob a

perspectiva da psicanálise, tradicionalmente não é relacionado com a violência de gênero, elas buscam enfatizar essa relação a partir da obra *Um amor incômodo*. No artigo sobre tradução feminista “A representação do feminino em duas traduções para o português brasileiro de *A Vegetariana*, de Han Kang”, Carolina Guimarães parte desta comparação para mostrar as diferentes maneiras de representar o feminino na literatura, que podem mudar radicalmente interpretações e análises literárias, e tudo isso sendo resultado das escolhas de tradução. Para finalizar essa edição, apresentamos o exercício de estilo “La traduction”, de Maria José Palma Borrego. Como o título sugere, seu tema central é a tradução, mas também a busca. A busca pela mãe, por sua língua, o espanhol, que se perdeu depois da sua morte. O labor de traduzir é na tentativa de aproximá-la da sua mãe, mas só restam fragmentos e entram questionamentos sobre o que é intraduzível.

Eurídice Figueiredo (UFF)

Flávia Miotto (USP)

Samanta Esteves Nagem (USP)

Maria Letícia Macêdo Bezerra (USP)

Novembro 2020